

A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE FAMÍLIA E A ESCOLA

UMA ANÁLISE DO PROCESSO EDUCATIVO

Julinho da Silva¹

Fatima Maria Araújo Bertini²

RESUMO:

O presente trabalho busca fazer uma abordagem da relação família-escola através de uma análise histórica e sociológica da temática, pontuando as peculiaridades do processo de distanciamento e aproximação da instituição familiar e escolar e as implicações desse processo no contexto escolar dos sujeitos. As relações entre família e escola são instituições importantes para sociologia da educação, uma vez que elas são fundamentais para a construção da estrutura social e no desenvolvimento do indivíduo como um ser social. Em termos metodológicos, aplicou-se o conduto de método qualitativo de caráter bibliográfico, por parecer a mais viável para análise que pretendemos desencadear. Quer dizer, faremos a revisão, problematização e a análise da bibliografia já existente sobre a temática. As abordagens atuais sobre a escola transcendem as suas funções tradicionais, buscando focalizar não apenas na transmissão de um certo corpo de valores, mas sim, proporcionar o bem-estar social e psicológico do aluno, as relações entre a escola e a família estão cada vez mais íntimas onde os professores precisam conhecer as famílias para adotar práticas pedagógicas que garantam a eficiência e aprendizagem máxima dos alunos uma vez que são agentes da socialização e a base da própria sociedade. A família é considerada o primeiro agente de socialização, é nela que são transmitidos e construídos normas, princípios e valores. Infere-se que é imprescindível a participação da família através do acompanhamento dos filhos nas atividades escolares e na transmissão de saberes em casa. De fato, a dinâmica familiar condiciona em grande medida o comportamento da criança no âmbito educacional, como também, no seu desempenho escolar.

Palavra-Chave: Educação, Família, Escola.

ABSTRACT

The present paper aims to approach the family-school relationship through a historical and sociological analysis of the theme, pointing out the peculiarities of the process of distancing and approximation of the family and school institution and the implications of this process in the school context of the subjects. The relationships between family and school are important institutions for the sociology of education, since they are fundamental for the construction of the social structure and for the development of the individual as a social being. In methodological terms, the qualitative method of bibliographic method was applied, because it seems to us the most viable for analysis that we intend to undertake. It means, we will do the review, problematization and analysis of the bibliography already existing on the theme. The current approaches to the school transcend its traditional functions, seeking to focus not only on the transmission of a certain body of values, but also to provide the social and psychological well-being of the student; more intimate where teachers need to know the families to adopt pedagogical practices that ensure maximum efficiency and learning for students, since they are agents of socialization and the basis of society itself. The family is considered the first socialization agent, it is in it that norms, principles and values are transmitted and built. It appears that the participation of the family is essential through the accompaniment of children in school activities and in the transmission of knowledge at home. In fact, family dynamics affect, to a large extent, the child's behavior in the educational field, as well as in his school performance.

Keyword: Education, Family, School.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia afro-brasileira- (UNILAB).

² Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

Data de submissão e aprovação: 28/08/2021.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, propõe-se analisar sociologicamente a relação que se tende a evidenciar entre a família e a escola para a educação de um indivíduo, considerando que o ideal que se tem sobre essa relação e a compreensão que se tem da escola e da família é o resultado de uma construção socio-histórica de um povo (SOUZA,2009).

A família e a escola são instituições importantes no estudo sociológico sobre o processo educativo, visto que elas são partes constituintes senão importantes não simplesmente como estrutura social (sociogênica) para a ambientação e fundamentalmente no desenvolvimento do indivíduo como um ser social (psicogênese). Assim sendo, o presente trabalho busca abordar a relação existente entre família e escola através de uma análise socio-histórica. Não obstante, ressaltar as peculiaridades presentes, distanciamento e aproximação que instituição escolar mantém com a familiar, sobretudo as implicações das duas para o processo educativo dos sujeitos (SARAIVA, 2013).

A necessidade de trabalhar esta temática adveio da sua pertinência acadêmica e a contribuição que proporcionaria para a elaboração de políticas públicas educacionais na Guiné-Bissau, pois entender sociologicamente qual função têm a família e a escola na educação da criança enquanto agentes da socialização e a base da própria sociedade possibilitaria na identificação do problema e, conseqüentemente, sua amenização visando um contexto de educação e aprendizagem saudável. E sendo escassa a literatura relativamente á essa discussão, será profícuo visto que possibilitará a ampliação do debate sociológico do contexto educativo.

As abordagens atuais sobre a escola transcendem as suas funções tradicionais, buscando focalizar não apenas na transmissão de um certo corpo de valores, mas sim, proporcionar “o bem-estar social e psicológico” do aluno. A relação existente entre a escola e a família está praticamente sendo consolidada, onde os professores precisam conhecer as famílias para adotar práticas pedagógicas que garantam a eficiência e aprendizagem de agentes escolar e societária. A família é considerada o primeiro agente de socialização, é nela que são transmitidos e construídas normas, princípios e valores.

Infere-se que é imprescindível a participação da família através do acompanhamento dos filhos nas atividades escolares e na transmissão de saberes em casa. De fato, a dinâmica familiar condiciona, em grande medida, o comportamento da criança no âmbito educacional, como também no seu desempenho escolar.

O primeiro e o segundo capítulo trouxe uma abordagem socio-histórica da família e a escola dentro da sociologia da educação, esse conjunto de fatores busca analisar as representações da escola sobre a aprendizagem da criança, trazendo as formas que pode refletir e aproximar a família com a escola, visando à melhor aprendizagem e conseqüente formação dos alunos.

ABORDAGEM SOCIO-HISTÓRICA DA FAMÍLIA E A ESCOLA

A escola na Idade Média, segundo Philippe Ariés (1986), compreendia-se como um espaço de privilégio onde um reduzido número de clérigos recebiam instruções. Nesse estágio, constatava uma mistura de diferentes faixas etárias, tudo isso envolto em um espírito de liberdade de costumes, no entanto, se tornou, no início dos tempos modernos, um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, objetivando adestrá-las, graças a uma “disciplina mais autoritária”, portanto, separá-las da sociedade dos adultos.

A compreensão de que a sociedade extraescolar é equivalente ao “mundo dos adultos” passou a atribuir à Escola, secularmente, a tarefa de educar as crianças dentro de “um modelo de amadurecimento para a vida social”. Ou seja, a responsabilidade assumida pela Escola não transgrede a de um arquétipo ou protótipo social no qual a escolarização de uma criança embasava-se nos princípios que os adultos almejavam - a escola enquanto mecanismo de controle e manutenção da tradição familiar.

Atualmente, esse fato ainda é contundente na relação entre a família e a escola. Pois, como e bem aborda Nogueira (1998), a família tende a exercer um papel não incremental sobre os destinos dos alunos. E isso reflete às vezes sobre a formação da sociedade que se quer construir. Por exemplo, Paulo Freire ressalta a importância da escola como uma instituição cujo atributo é contribuir para a formação de sujeitos reflexivo-críticos e determinados em superar as desigualdades sociais. Contudo, um contemporâneo seu que também experimentou as transformações sociais ocorridas na década de 60, o sociólogo francês Pierre Bourdieu desenvolveu sua teoria social na qual, a instituição escolar enquanto um campo regido pelas regras ou “*habitus*” de classe social que o governa proporciona a manutenção da ordem social, que nas suas palavras acontece através de processo da reprodução das desigualdades sociais.

Bourdieu explica que a escola reproduz as desigualdades sociais enquanto responsável para a (re)distribuição e consolidação do “capital cultural”, ou então, quanto maior for o nível de apropriação de capital cultural, maiores são as oportunidades em acessar e ter sucesso no

ambiente escolar e profissional - cabe salientar que Bourdieu desenvolveu essa acepção enquanto ainda a França passava por reformas estruturais contagiadas por um sentimento nacionalizante. Ele observou que a educação escolar reproduzia os “hábitos culturais” da elite francesa cada vez mais emergente (BOURDIEU, 1992).

Nisto foi reconhecido que a escola esteve no domínio daqueles que detém o poder, para assim, disseminar seus ideais, posicionamentos e valores, que, logo se tornam mais crescentes com o surgimento do Estado moderno e os seus regimes políticos, para quem a educação não significa dominação de uma classe sobre a outra, mas como um instrumento eficiente para capitalização do saber, construção de um profissional ideal para o mercado de trabalho.

Quando se observa um pouco mais o contexto em que se coloca a família e a escola, observa-se que o estreitamento surge de uma necessidade social, que para Nogueira (1998), seria “a socialização infantil e juvenil”. Como já foi dito, na idade média misturavam-na sujeitos de diversas faixas etárias, contudo eram clérigos, numa sala de aula para simular cada vez mais como seria a realidade social a ser enfrentada posteriormente pelos mesmos indivíduos, porém, educados e disciplinados para a realidade. Isto teve contribuição no surgimento dos internatos, que de forma muito insipiente estava disponível apenas para as classes mais ricas que através dali investiam na formação de valores nos seus filhos.

Isto tem relação com o estudo feito pela sociologia da educação na questão da influência da família na questão profissional dos seus filhos, os quais sofrem pressão familiar por conta de suas escolhas e assim são coagidos a tomar decisões não por suas próprias vontades, mas em prol do bem familiar e social de sua própria classe, haja vista a educação está intimamente ligada ao modo capitalista de produção e multiplicação do capital, surgindo o que Bourdieu chamava de capital cultural, hábitos e capitalização do saber escolar (NOGUEIRA, 1998).

Segundo Ariés (1986), no século XIII, os colégios funcionavam como espaços de asilos para estudantes pobres, fundada por doadores, os bolsistas conviviam em comunidades conforme estatutos que se inspiravam em regras monásticas. A partir do século XV, essas pequenas comunidades democráticas tornaram-se institutos de ensino, em que uma população numerosa foi submetida a categorização e formação que passou a ser ensinada no local, posteriormente. Por fim, todo o ensino das artes, passou a ser ensinado nos colégios, que forneceriam o modelo das grandes instituições escolares do século XV ao XVII, os colégios dos jesuítas, os colégios dos doutrinários e os colégios dos oratorianos: o colégio do Ancien Régime, mais distante dos primeiros colégios de bolsistas do século XIV do que de nossos colégios de hoje, diretamente anunciados por ele apesar de diferenças importantes, e, sobretudo, da ausência de internato. Como consequência, o estabelecimento definitivo de uma regra de

disciplina completou a evolução que conduziu da escola medieval, simples sala de aula, ao colégio moderno, instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude.

Nesse contexto, a escola foi sendo construída até chegar como a conhecemos atualmente. Sua relação com a família mais estreitada, até assumindo papel de colaboração com a mesma e a sociedade em volta da escola, isto, na construção da identidade escolar, do projeto político pedagógico e sendo responsabilizada, portanto, quando os seus objetivos não são alcançados como o almejado.

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Conforme defendido por Nogueira (1998), as relações entre família e escola são bastante importantes para sociologia da educação, pois essas duas instituições são fundamentais na estruturação para formação e desenvolvimento do indivíduo enquanto ser social.

Cavalleiro (1998) afirma serem instituições que funcionam como pilares no processo de socialização do indivíduo: a família e a escola. A família desempenha um papel crucial no processo de socialização inicial chamado de socialização primária. Essa fase ocorre de contato do indivíduo com o social, onde é orientado basicamente pela interação, ou seja, em contato com outros indivíduos sociais – em primeiro momento com a família que a criança aprenderá a interiorizar o mundo social: atitudes, opiniões, comportamentos e valores, entre outros.

Ainda nessa estágio, a família funciona como mecanismo reprodutor de ideologias que serão absorvidas pelos indivíduos e tendem a ser reproduzidas pelos mesmos, e a figura dos mediadores desse processo de socialização pode atuar como parâmetro para atitudes e comportamentos da criança que poderá incorporar esses elementos para si. No entanto, embora as crianças possam se assemelhar bastante aos familiares, elas também não estão fadadas a ser uma cópia exata dos indivíduos que fazem a mediação nesse processo de socialização. Já a escola potencializa o processo de socialização quando, além de dar continuidade ao processo inicial fornecido pela família, fornece o contato com outros indivíduos de faixa etária similar e com adultos fora do círculo familiar (CAVALLEIRO, 1998).

Contudo, possa haver obstáculos entre a relação família-escola pautados na diferença implica o aprendizado familiar e o escolar, pois os valores difundidos na criança pela família podem divergir da proposta educacional das instituições educativas, e vice-versa, o que gera conflitos. Diante disso, o distanciamento entre a família e a escola não é favorável para o desenvolvimento saudável do sujeito (*ibidem*, 1998).

A relação entre escola e família até o início do século XX era meramente superficial e uma instituição não costumava dialogar com a outra. A escola era um meio no qual a família não tinha poder nem acesso e apenas havia uma relação restrita e muito objetiva. Cada instituição tinha a sua autonomia própria e inquestionável por ambas. Essas relações mudaram a partir da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente na década de 60, quando a sociologia da educação ganhou espaço diante da proposta de construção de uma nova sociedade mais justa e democrática, na qual a educação se tornou um dos pilares. Assim, a partir dessa nova perspectiva se identificou que a pouca interação entre a escola e família comprometiam o desempenho do aluno.

Entender o contexto histórico se mostra importante: até a metade do século XX as ciências sociais possuíam um caráter muito otimista e “ingênuo” no que se referia a construção da sociedade. Logo, conforme a ideia de construção de uma nova sociedade mais justa e democrática, a educação se tornou um pilar dessa nova proposta, adquirindo o *status* de mediadora e possibilitadora da construção dessa sociedade, bem como exercendo uma posição neutra na difusão do conhecimento (NOGUEIRA, C.; NOGUEIRA, M., 2002).

As mudanças nos modos de vida familiar foram grandes responsáveis por estas análises já que as transformações, as necessidades sociais e surgimento de novas estruturas familiares, assim como mercado de trabalho e novos valores, fizeram com que a escola e a família tivessem uma nova dinâmica. Estas imbricações foram se intensificando com essa mudança na estrutura da família e da escola e passaram a ser intensificadas ocasionando que estas duas instituições que pouco se relacionavam virassem a extensão uma da outra.

No século XXI a escola e a família trazem novas configurações em sua estrutura na qual as relações são cada vez mais intensas e a legitimidade positiva em relação ao indivíduo passou a ser reconhecida necessariamente através da educação. Por outras palavras, quanto maior a escolaridade e qualificação acadêmica maiores as oportunidades e garantia de ascensão social e reconhecimento positivo da família para com a sociedade. Mesmo que existisse hoje novos modelos de família como é evidente: famílias monoparentais, famílias homoafetiva, maternidade independente e tantas outras organizações o que não parece ter mudado foi a questão educacional dos filhos como o principal objetivo e preocupação dessas novas estruturas familiares.

Ariés (1986) relata que a sentimentalização das relações familiares no qual o filho passa a constituir numa peça central da família necessitando de cuidados especiais principalmente de escolarização. A escola passa a ser responsável pela educação e construção intelectual dos filhos

e vai ser cada vez mais responsável para a consolidação dos anseios e valores que a família projeta nos filhos, como a ascensão pessoal ligada ao êxito social e financeiro.

No mundo globalizado a educação tornou-se mercadoria e a formação técnica é cada vez mais valorizada, pois, temos uma educação voltada para o mercado de trabalho onde o indivíduo precisa cada vez mais ser escolarizado e capacitado em determinada área de atuação. Nesta nova configuração social, a escola é cada vez mais importante e responsável pela legitimação do indivíduo, gerando bem-estar social e econômico e principalmente dando *status* e sentido ao anseio da família perante os filhos.

Esse modelo educacional, apesar de não ser homogênea, acaba reproduzindo os contextos sociais na qual ela está inserida sendo responsável uma por organizar, dominar e reproduzir desigualdades sociais. Ideias também defendidas por Karl Marx e Weber, todavia, contextualizadas como sua contribuição para a sociologia da educação.

Como afirma Ariés (1986), os novos contextos familiares e nossos sentimentos psicologicamente ensinados em relação ao contexto familiar configurou novas maneiras de educar, novas necessidades e afirmações pessoais e em sua maioria está relacionado com a escola, sendo ela atualmente responsável pelo êxito ou fracasso tanto pessoal como da família.

PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Os pais têm um papel nobre na educação dos filhos, porque a educação familiar pode ser como a base que vai alicerçar o desenvolvimento humano, intelectual e social dos filhos, sobretudo, na fase da infância e na adolescência. Nessas duas fases, os pais são sempre tidos como as principais referências na condução do processo educativo, por isso, não é “à-toa” que se verifique uma relação outrora conturbadora entre a educação familiar e a própria escola. Os responsáveis pelos membros agregados em uma família exercem um papel crucial e essencial para o desenvolvimento acadêmico, isto posto, eles tendem a proporcionar um ambiente favorável para que as crianças desenvolvam as habilidades acadêmicas, pessoais, culturais e sociais, permitindo com que isso aconteça no contexto familiar, escolar e em qualquer meio social no qual haja uma relação social.

É da familiar criar as condições que possibilitem e/ou conduzam os filhos para um percurso que espelhe a melhoria das condições de vida. Para a sua materialização é imprescindível a participação da família em todas as etapas do processo formativo das crianças. Por isso, a família continua a ser uma instituição de excelência na legitimação e deslegitimação

das crenças e dos valores adquiridos pelas crianças durante o processo da socialização. Na primeira fase, os pais exercem um papel de mediação do mundo da criança e das outras representações que influenciam o comportamento da criança. Assim, os pais são os primeiros alicerces que podem alimentar ou retroalimentar o processo formativo dos filhos.

De acordo com Zane (2013), o ambiente familiar proporciona à criança o desenvolvimento de sua personalidade, o meio em que ela cresce, atua, desenvolve e permite a mesma expor seus sentimentos, experimentar as primeiras recompensas e punições sofrendo influência em decorrência da forma em que é tratada. Tendo em conta que a educação se dá primeiramente em casa, antes mesmo de outras instâncias (o Estado e a sociedade de modo geral) participarem dela. A partir desse viés, não é exagerado afirmar que boa parte do que um indivíduo cultua durante toda a sua vida é o resultado da educação recebida em casa, em ambiente familiar, que será posteriormente moldada, com certeza, pela sociedade na qual está inserido.

Portanto, o papel dos pais passa necessariamente em educar os filhos com base em preceitos morais e éticos socialmente aceitos, num claro esforço de formação de um ser humano íntegro, provido de dignidade e com sentido de responsabilidade e ser capaz de promover atitudes que promovam um mundo menos injusto e mais igualitário.

Desse modo, não compete, portanto, à escola a tarefa básica de educar, mas sim à família. É ela quem deve proporcionar as noções de limites da sociabilidade para que a criança consegue desenvolver os valores morais e categorias de comportamentos básicos. Para poder ter a noções e compreender “o bem e o mal” na própria sociedade em que está inserido. Contudo, ela conseguirá reproduzir o conhecimento que desenvolverá o autocontrole para poder ter um bom convívio no meio social que está enquadrado (SARAIVA,2013).

A participação dos pais na vida da criança é de suma importância, ou seja, torna-se o processo de aprendizagem macro daquilo que se iniciou em sua comunidade e na vivência familiar. Com a participação da família no processo cognitivo e de ensino aprendizagem, faz-se a criança sentir mais autoconfiança, visto que percebe que todos se lutam por ela no contexto ao aprendizado, e também porque passam a ter o conhecimento de quais são as dificuldades e quais os conhecimentos que ela tem (CREPALDI, 2017).

Acompanhar as tarefas dos filhos que estão estudando não é uma tarefa fácil, sobretudo, quando os pais trabalham. Diariamente e tem pouco tempo com o filho, isto posto, os pais têm que deixar em parte de acompanhar os seus filhos para poderem cumprir com os deveres do trabalho. Outra situação é que os pais trabalham rotineiramente e os filhos ficam na escola

durante o dia e alimenta as crianças, enquanto os pais trabalham. Por isso, em certas circunstâncias os pais não conseguem acompanhar as suas crianças no processo educativo.

É de extrema importância que a família conhecesse de modo mais afetivo os filhos, saber e intervir quando neles expressam atitudes incompatíveis ou algo que não esteja bem porque há uma parte das crianças que passam por vários problemas na escola e quando voltarem para suas casas não conseguem manter-se a concentração nos estudos, isso implica na perda de estímulos para os professores. A ausência da concentração confectiona prejuízo para o desenvolvimento do ensino e aprendizado do aluno (CREPALDI, 2017).

PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

A escola pode ser conceituada como uma instituição que tem como o fito proporcionar e estimular o aprendente, nas suas múltiplas dimensões socio-linguísticas, culturais, históricas, cognitivas relacionar e racionalizar escassos recursos à sua disposição, isto é, através de um processo de ensino e aprendizagem para desenvolvimento de certas habilidades e competências.

Assim sendo, a escola também exerce um papel crucial no processo formativo das crianças, sendo ela responsável para socializar e democratizar o acesso ao conhecimento científico. Por isso, ela deve estar presente na construção duma sociedade mais equilibrada, tendo também como o fundamento a formação dos seres ativos, críticos, conscientes e comprometidos com a transformação das sociedades e dos seus prismas analíticos e interpretativos até mesmo em tempos críscos.

A escola teria como o papel cuidar das crianças dando-lhes a possibilidade de desenvolverem uma autonomia lúcida das atividades e dos pressupostos interpretativos que estão em sua volta, consagrando o desenvolvimento delas. A educação infantil (ou das crianças), é nuclear para que esses atores desenvolvessem psicossociologicamente; é nela que as crianças começam a estabelecer um contato com o espaço que difere como o familiar que, outrora pode gerar conflito entre a instituição familiar e escolar. Nesse sentido, a escola deverá ajudar na criação e na recriação do desenvolvimento de uma autonomia no processo formativo (SOUZA,2009).

A escola também se encontra imersa na tarefa de educar o ser humano, no ponto em que os trabalhos que pode ser elaborados pelos próprios técnicos da área que ali atuam, propõe-se o desenvolvimento integral do indivíduo, enfatizando o trabalho pedagógico na construção de um ser preparado para os saberes escolares, bem como para a vida em sociedade. Escola

proporciona uma tarefa da prática pedagógica que vai contribuir na formação do ser crítico e reflexivo, e que encara a participação ativa dos pais no processo educativo sendo contributo para a construção de uma sociedade transformada.

Sendo a formação do sujeito assemelha-se a uma caixa enorme de ferramentas mecânicas com funções específicas, a escola seria então uma parte desse projeto na totalidade - que é educar uma criança, mas, também de importância capital, visto que não se pode equiparar à responsabilidade que a família e a escola adquirem ao longo das décadas. Basicamente, a escola tem por responsabilidade dar seguimento ao processo de formação social de um sujeito, processo esse uma vez iniciado em casa tem por objetivo inseri-lo na sociedade moderna. Posteriormente, adiciona-se a componente técnico-acadêmica, cuja finalidade é a formação de um ser humano capaz de pensar criticamente, estudar e compreender os fenômenos que o rodeiam (SANTOS, 2014).

O grande desafio da escola estaria no fato dela lidar com uma diversidade enorme de crianças cultural e socialmente heterogêneas, uma riqueza que de dimensões incomensuráveis, mas que pode se tornar um problema para a escola caso o modelo de ensino adotado não considere tal diversidade. Nas cidades, depara-se muitas das vezes com diferentes categorias de grupos culturais cuja cultura, usos, hábitos e costumes são drasticamente diferentes uns dos outros, e as crianças pertencentes a essas comunidades frequentando escolas cujo currículo exclui suas culturas, seus modos de viver e de pensar, a troco de um modelo de ensino hegemônico, entretanto, conflitante com realidades locais. As escolas que se encaixam neste modelo tornam-se extremamente excludentes. Por essa razão, o principal desafio da escola hoje, é o da maior integração sociocultural das crianças de diferentes raças e culturas, respeitando as diversidades. (PALIGA, 2017).

É importante que os pais ou os encarregados da educação das crianças apresentem seus interesses em tudo no que diz respeito à escola do filho, para que a instituição escolar possa entender e balizar o necessário para o bem-estar psicossociológico do aluno. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve se proceder da maneira constante e consciente, integrando-se ao processo educacional, ter engajamento das realizações ativa das atividades escolar. E essa interação vai ter o enriquecimento e facilitar o desempenho escolar da criança. Com tudo o desafio aqui exposto, os pais precisam estabelecer um dialogo circular com os filhos sobre a importância de estar frequentando a escola, mostrando as vantagens oferecidas pela mesma. Sendo uma instituição que prepara para a consciência político-cidadã e convivência socio-relacional (ALBUQUERQUE, 2020).

Assim sendo, percebe-se que há um desafio em conectar praxiologicamente teoria e a prática educativa para o desenvolvimento de uma autonomia dos alunos, ou seja, em certos casos não há uma conexão entre as teorias e os cosmos-perspectivas das aprendentes, sendo elas (teorias) distantes da realidade das crianças. Por isso, a formação dos educadores para lidar com as crianças, todos os arcabouços teóricos, metodológicos e didáticos devem pautar numa relação entre a teoria e o mundo da criança.

FAMILIA-ESCOLA TRABALHO CONJUNTO

Algumas dificuldades na relação entre a família-escola podem prejudicar o processo formativo das crianças, sobretudo, quando não há um diálogo entre a escola e a família no processo da construção dos currículos e dos programas pedagógicos na qual às duas partes deveriam estar presentes para a sua construção. Os desgastes emocionais, físicos e dentre outros podem levar outras situações ainda mais dificultosas que inibem uma relação de aproximação entre às duas instituições o que pode implicar de forma negativa os resultados e as produções escolares dos alunos.

No entanto, às duas instituições têm a necessidade permanente de se um dialogar, buscando soluções que suscita não somente eficiência como também um pensamento cidadão crítico. Para isso, seria necessário um relacionamento entre os pais, professores e a escola na busca das soluções que possam permitir um desenvolvimento integral das crianças e, subsequente reforçar o envolvimento e a interação dos pais no acompanhamento do processo de aprendizagem das suas crianças.

Santos e Toniosso (2014) demonstraram que a escola se apresenta como um ambiente importante nesse processo, já que devido à formação que os profissionais possuem, é conveniente que tenha uma iniciativa por parte desta instituição para poder estabelecer uma relação concordante e produtiva entre às duas partes que estão envolvidos no desenvolvimento de construção e consolidação cognitiva do aluno.

Dessa forma, para a sua materialização pode ser melhorada muitos aspectos entre os quais: criar uma relação de confiança entre a escola, professores, a família e alunos; promover encontros mensais ou trimestrais entre às três ou quatro partes (gestão, professores, família e alunos); contatos abertos, canais abertos para a comunicação, o que pode permitir um desenvolvimento de uma relação de confiança entre as partes.

Na percepção de Oliveira e Araújo (2010) destacam que a contradição entre a escola e a família está na tarefa de ensinar as crianças, sendo que a escola tem uma grande função de ajudar na aprendizagem dos conhecimentos construídos numa sociedade em determinado momento histórico, de aumentar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a família tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de normas comportamentais como atitudes e valores aceitos pela sociedade.

A escola pode proporcionar um importante incentivo da participação da família no processo educativo da criança, isto é, da sua participação conjunta com a escola. Isso pode ser feito através da colaboração entre a escola e a família, incentivando a busca da autonomia e de novas aprendizagens e de novas experiências que permitam o aluno compreender as dinâmicas globais.

A escola e a família são às duas instituições de socialização muito importante para a construção de uma personalidade social. Se, na verdade, às duas instituições falharem, corre o risco de formar “sujeitos alienados ou desconectados” com as suas realidades e culturas o que pode gerar consequências negativas para a sociedade e para a escola. Sendo um trabalho em conjunto, a escola deve conhecer os familiares das crianças como a forma de criar as parcerias e a cooperação entre a escola e a família.

Pois, a criação de um canal de diálogo, a comunicação com pais de forma construtiva, as reuniões, a formação de um currículo democrático e outras ações coletivas entre a escola e a família, podem incentivar a participação da família no processo educativo da criança, visto que os pais têm a noção das suas responsabilidades, enquanto atores na condução de um processo educativo mais participativo e mais ativo. Palestras, conferências, congressos e seminários podem ser organizados para permitir também os pais terem as suas opiniões sobre o processo educativo das crianças, e, assim, a escola pode discutir e propor algumas soluções em conjunta com os pais das crianças, visando, sobretudo, um clima democrático sem, no entanto, usar a “força coletiva” para materializar um contexto educativo que gere mudanças positivas à sociedade (PALIGA,2017).

Capella e Raimundo (2015) salienta que é de grande necessidade que a escola conheça a história das famílias e criar uma relação de recebimento. Porque para ter um bom relacionamento, precisa-se de uma forma de se compreender um ao outro, de ter respeito e conseqüentemente valorizar todas às duas partes - ‘Escola e família’. No entanto, à forma que

a própria escola pensa sobre as suas responsabilidades enquanto instituição, e de modo que busca esclarecer junto à família o motivo das dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem dos alunos, há maior probabilidade de compreender o problema e resolvê-lo dentro e fora da escola. Nessa perspectiva, percebe-se que a relação entre família e escola é de grande relevância para a aprendizagem da criança e que essa relação, quando é positiva, pode até diminuir as dificuldades encontradas ou eliminar de uma vez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No entanto, percebe-se que é na família que a criança consegue vivenciar as suas primeiras experiências para iniciar o seu processo de aprendizagem, de modo que consegue desenvolver a sua ética e moral, a escola continua na ampliação desse conhecimento para destacar o processo de aprendizagem da criança, uma vez que é responsável por proporcionar conhecimento e contribuindo para sua formação. Assim sendo, é necessário que o gestor da escola tenha uma visão ampla do conjunto do trabalho, deve estabelecer um programa de trabalho e avaliar o seu desempenho diariamente. Portanto, a escola só pode ser um espaço democrático quando existe um diálogo entre a escola e a comunidade dos pais encarregados. As discussões deverão basear-se na identificação dos problemas e, conseqüentemente, a procura de soluções para resolvê-lo de forma conjunta.

REFERÊNCIAS:

- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BOURDIEU, P. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- NOGUEIRA, M. A. **Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação**. Paidéia, FFCLRP, USP. Rib. Preto. Fev/Ago 98.
- NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. *Educação* & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002.
- CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CREPALDI, E. M. A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno. **Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas**, p. 11733-11744, 2017.

SANTOS, Luana Rocha dos. **A importância da relação escola-família.** 2014.

ALBUQUERQUE, Maria Irlandia dos Santos. **A importância da participação dos pais na vida escolar dos seus filhos: uma análise a partir de escolas de Arapiraca-AL.** 2020.

ZANE, Andréia Dias de Souza. **A função da família na educação escolar.** 2013.

SANTOS, Luana Rocha dos. **A importância da relação escola-família.** 2014.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-araújo, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 99-108, 2010.

PIRES, Juliana Gabricho Capella; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **a relação entre família, escola e dificuldades de aprendizagem.** 2015.

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. **Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná,** 2009.

SARAIVA, Lisiane Alvim; WAGNER, Adriana. A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 21, n. 81, p. 739-772, 2013.

PALIGA, Bruna; vasques, ROSANE fátima. **A influência da relação família-escola sobre a aprendizagem escolar:** percepções de professores do 1º ano do ensino fundamental. 2016.